

### 3º CAPÍTULO

#### O SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO

Ao sair da estação do Caminho de ferro, o seu desejo era procurar o mar e o cais, onde por certo encontraria os vendedores e compradores de peixe. Depois de ter descido a Av. da República, como já vimos, meteu pela rua do Comércio que se abria à sua frente e foi desembocar no Largo da Alfândega.

Ali estava a Ria Formosa e mais além o mar. Ali estava o cais e uma animada multidão que comprava e vendia peixe. Mas o melhor é dar novamente a palavra a Jacinto Ferreira, para ele desfiar as recordações desse seu primeiro dia de trabalho em Olhão.

“Chegado ao Largo da Alfândega, a actual Praça Patrão Joaquim Lopes, segui pela direita em direcção do Largo da Feira e no lado esquerdo, em extenso terreno, procedia-se a reconstrução de um grande armazém, destinado ao mercado do peixe.

Ao fundo junto à Ria, avistava-se um aperfeiçoado cais, e junto ao qual existia (e ainda existe) urinóis públicos. Na lota industrial grandes “Buques”,atracavam carregados de peixe. Aí o peixe era vendido às fábricas de conserva em azeite. A seguir um espaçoso armazém, construído em madeira “Tosca”, coberto com chapas de zinco e que se destinava à lota comercial, onde no chão o peixe era espalhado e vendido em “Pagelas” (pequenas quantidades) em lotas decrescentes de cinco em cinco reis.

Eram os “arrieiros”, refiro-me aos vendedores ambulantes, quem adquiriam aquele peixe, para nos seus “Burracos” o venderem nas zonas rurais. Existiam inúmeros “Arrieiros” que ao som de enormes “Búzios” avisavam a sua chegada nos mais distantes lugarejos. Os seus clientes desciam dos montes, com cestos e outras vasilhas, ao encontro destes vendedores ambulantes.

Continuando a minha rota, cheguei ao Campo da Feira, onde vi alguns jogadores entusiastas do Sporting Clube Olhanense, que queria conhecer e contactar, pois este clube já me tinha dado muitas “Chances”,devido as suas cores, idênticas aquelas ostentadas pelo “Despertar de Beja” e cujo símbolo conservei na lapela do casaco desde que saí de Beja.

Em pleno Largo da Feira, rapidamente avistei as camisolas listadas de encarnado e preto e os calções brancos, tratava-se dos representantes do

Sporting Clube Olhanense, que faziam a sua preparação física. Lá vi pela primeira vez, figuras cujo nome já tinha decorado - O Armando Amâncio, o Falcate, o simpático guardião de nacionalidade italiana, Paolo Castela e o Cassiano.

Logo Armando Amâncio, um dos “patrões” deduziu que eu seria um candidato a jogador e por isso abandonou o treino e se me dirigiu, sorrindo logo que deparou com o emblema que eu ostentava, perguntando-me o que é que eu queria.

Expliquei-lhe que tinha chegado nessa manhã a Olhão, e andava à procura de um pequeno lugar, onde pudesse começar o meu trabalho. A semelhança do meu emblema do “Clube Despertar”, por certo que lhe criou simpatia pelo meu caso.

Achou que quem me poderia ajudar, era o Evaristo Pontes e afastando-se um pouco, foi à sua procura e apresentou-me. Este era um rapaz que aparentava 20 anos, e que conhecia perfeitamente Olhão. Este Evaristo Pontes, era uma pessoa amável, que trabalhava na fábrica Júdice Fialho. Ele mostrou conhecer perfeitamente a engrenagem, as ligações e os interesses que regiam o negócio do peixe em Olhão. Por seu intermédio na mesma ocasião estabeleci vários contactos, para ver se conseguia um armazém ou parte de armazém, para poder montar o meu negócio, mas nada conseguimos. Despedi-me pois estava na hora do almoço.

Entrei então por acaso, numa taberna, no Largo da Alfândega, e aí encontrei com grande surpresa um antigo colega de instrução primária de Beja, o Manuel Portela. Depois de um apertado abraço, convidou-me para almoçar com ele e com os seus pais. Estes ficaram surpreendidos com a minha presença e por isso perguntaram-me o que estava a fazer em Olhão, Respondi-lhe que esperava fixar-me em grande escala no negócio do peixe para o Alentejo.

Do Portela pai, não ouvi nenhum encorajamento. Pelo contrário expôs-me todas as dificuldades do negócio e acabou por me aconselhar, não penses nisso rapaz. Eu também tentei explorar esse ramo, mas há muita gente aqui a explorar esse negócio e a concorrência é enorme. Além disso perdi todos os valores. Recebiam o peixe e não pagavam. Acrescentou ainda que devido à minha juventude, eu estava talhado para levar um grande trambolhão.

Enquanto escutava este rol de desgraças, que o negócio do peixe trazia aos novatos, eu notava um grande espaço nessa. estalagem, que se achava vazio e de imediato perguntei ao velho Portela, apontando para esse espaço



RAMPA DO CADUCA  
CARROÇAS ESPERANDO O PEIXE PARA SER TRANSPORTADO  
PARA AS FÁBRICAS.  
ANOS DE 1920

que esse mesmo me servia para a minha instalação.

Quando eu lhe disse que me servia, respondeu-me um tanto bruscamente: Isto faz-me falta! Embora com mais esta resposta negativa, não desisti dos meus intentos, pois possuía em mim confiança a rodos. Foi então que num golpe de audácia, fiz-lhe a seguinte proposta. Por esse espaço, pago-lhe uma renda igual aquela que o senhor paga pela estalagem e taberna.

O homem abriu os seus pequenos olhos, calou-se por momentos, depois chamou o filho e informou-o da proposta por mim apresentada. Sem vacilar o filho disse-lhe para aceitar, argumentando que o movimento da estalagem estava a diminuir e por isso até lhe poderia ceder um espaço ainda maior, para poder trabalhar mais à vontade.

Era a minha primeira vitória.' Como o que eu queria era um lugar para poder trabalhar, aceitei todas as "Cláusulas" que me foram impostas e uma delas referia-se a chamar à minha responsabilidade todas as obras de adaptação.

De imediato, fui em busca de uma carpintaria na rua frontal onde falei com o proprietário, que era como todos os seus operários, um artista da especialidade. Pedi-lhe uma vedação em madeira, um sótão para embalagens, um depósito para o sal, uma mesa com gavetas que serviria de secretária e cadeiras

O artista, após todas as minhas explicações, perguntou-me quando poderia dar início ao trabalho, e eu de imediato disse-lhe: agora mesmo, pois desejaria que tudo estivesse pronto ainda hoje. O mestre olhou para o relógio. Eram três da tarde. Mas ele não se deu por vencido embora a hora fosse tardia mas como já tinha alguma madeira aparelhada e cinco bons carpinteiros e ainda. de um servente, meteu ombros à obra e com a ajuda de uma boa merenda, concluiu o trabalho, eram oito horas da noite.

Neste espaço de tempo, fui em busca de um tanoeiro, a fim de adquirir as indispensáveis dornas. Bastou dirigir-me à avenida e ai encontrei o tanoeiro, precisamente o mesmo homem que fornecia todos os exportadores locais e o mais curioso, diga-se de passagem, e que dispunha exactamente de quatro dornas prontas a servir pelo que as comprei.

Comprei igualmente um depósito de água - depósito em "Lusalite" para 500 litros - e a respectiva armação em ferro, com vista a coloca-la à altura de 4 metros com o respectivo escadote.

Não há dúvidas de que a sorte estava comigo, porquanto consegui no próprio tanoeiro o depósito para a água e nele adaptei a torneira e a, não menos indispensável mangueira.

E tive ainda a sorte de aproveitar um carro que no momento passava, que transportou toda aquela “Tralha” para a estalagem, onde fui encontrar todos os carpinteiros a trabalharem e a saborearem o lanche que lhes tinha mandado servir. Como parar é morrer e entusiasmado pela maneira certinha como tudo estava a decorrer, fui em busca de um aguadeiro que se encarregou de me fornecer a água suficiente para encher o dito depósito, que na altura, já o pedreiro estava a montar precisamente no solo, mas acimentado, como eu lhe havia dito.

Eu também não parava um só momento e assim fui em busca de um fornecedor de embalagens. Que embalagens? No Algarve nessa época, não se utilizavam ainda caixas de madeira, como em Setúbal e Lisboa, mas sim “Costais” que eram construídos com ripas de madeira de castanho e cobertas por “Capacheiras de Palma” e depois atadas em volta por cordas especiais.

Eram precisamente 20 horas, quando se completaram as obras de adaptação, daquilo que viria a ser o meu “O meu Armazém” e na mesma altura já me encontrava abastecido o depósito cheio de água, e o lugar para o sal estava cheio do referido produto. Assim tudo estava na devida ordem para iniciar a minha labuta no dia seguinte, e isto porque sentia em mim aquela fé de que as sardinhas não faltariam na lota.

“Que fazer então? Fui em busca de uma pensão e por indicação de pessoa amável, instalei-me na “Ama Rosa”, que ficava na rua Vasco da Gama, a melhor pensão de Olhão, naquela longínqua época. Aí conheci a sua proprietária, uma simpática e respeitável senhora (Deus Já a Chamou a Si) de meia idade, que pelo seu aspecto e também pela sua pronúncia parecia, (e era mesmo) natural do norte.

Esta saudosa senhora, a Ama Rosa, recebeu-me gentilmente e de pronto me mandou servir o jantar do qual eu estava bastante necessitado. Um jantar delicioso, cozinhado daquela maneira que só ela o sabia fazer. Mas a sua amabilidade foi mais longe, já que sabendo que eu festejava nessa precisa noite, as minhas 15 primaveras, me dispensou um dos melhores quartos e ofereceu-me uns deliciosos bolos da sua autoria. Ama Rosa, eis um nome que eu jamais esquecerei. Na manhã seguinte, esplendidamente bem disposto,

levantei-me com o pensamento no trabalho. Antes porém tomei o pequeno almoço. A seguir, naturalmente radiante fui em direcção ao meu novo posto de trabalho.”<sup>(21)</sup>

Cabe aqui fazer algumas reflexões, sobre este rapaz que aos 15 anos chega a uma terra desconhecida, e alheio a todas as amarguras que os olhanenses estavam a viver nesse ano de 1918. Por certo que se surpreendeu e alegrou, com o soar das sirenes das varias fábricas que se diferenciavam umas das outras, e que chamavam o pessoal para o trabalho.

O seu espírito vivo, desperta para a acção e labor. Julgo que vibrou perante o movimento e estridor das carroças que transportavam o peixe do cais, para o Largo da Feira, rua de S. Bartolomeu e Cerca do Júdice, por onde se instalavam algumas fábricas.

Apesar dos seus poucos anos por certo que no seu espírito iria formando planos. Mas apesar do seu optimismo e força de vontade, não teria sonhado com a extraordinária expansão que no futuro as suas iniciativas iriam tomar.

Para já cumpre acentuar, a sua força de vontade perante as dificuldades e o desejo de fazer, de avançar. Ele não fica à espera do acaso, ou de um golpe de sorte, procura ir sempre mais além. Mas o melhor é dar novamente a palavra ao novo empresário nessa manhã de 1918.

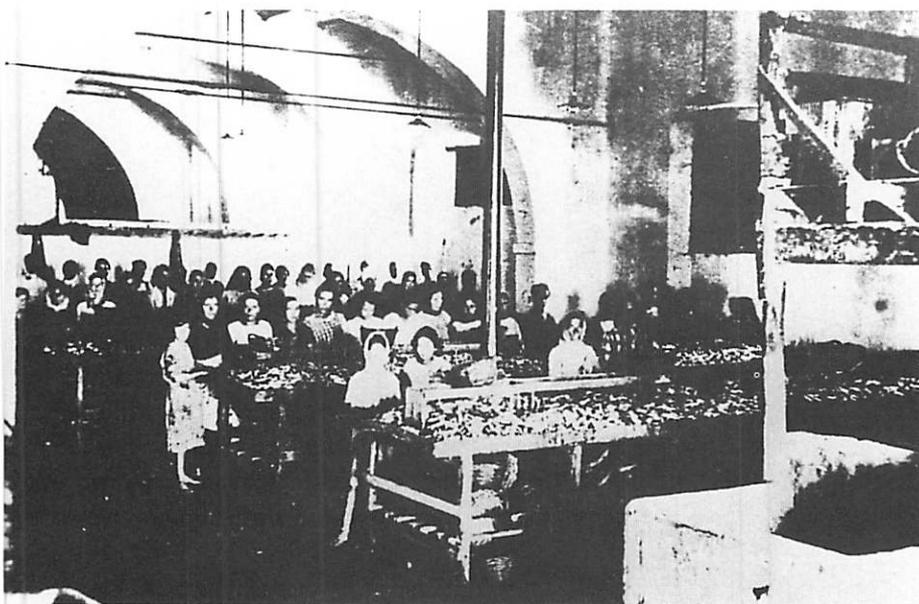
“Quando cheguei, já me aguardavam as mulheres especializadas, que havia contratado, com vista à acomodação das sardinhas e bem assim um jovem rapaz de boa compleição física. E até já tinham as salmouras preparadas e só faltavam... as sardinhas, mas eu tinha fé, aquela fé que salva os homens em momentos difíceis.

E na lota as sardinhas apareceram, bem vivas, embora magras. Apareceram com abundância e a preços razoáveis, pelo que adquirir a quantidade julgada necessária, com vista a fornecer os meus clientes de Beja.

Por volta das quatro horas da tarde, já a preciosa mercadoria se achava na estação do caminho de ferro, mas antes disso avisei os meus clientes. Avisei-os de que seguiriam seis costais de sardinha e esse telegrama deve tê-los deixado satisfeitiísimos, mas não surpreendidos pela rapidez e isto porque já sabiam como eu costumava trabalhar.

---

(21) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”  
In Sport. Clube Olh. 1979 Nº 296



O DESCABEÇAR DO PEIXE, NUMA ANTIGA FÁBRICA DE  
CONSERVAS EM OLHÃO. ANOS DE 1920-1930

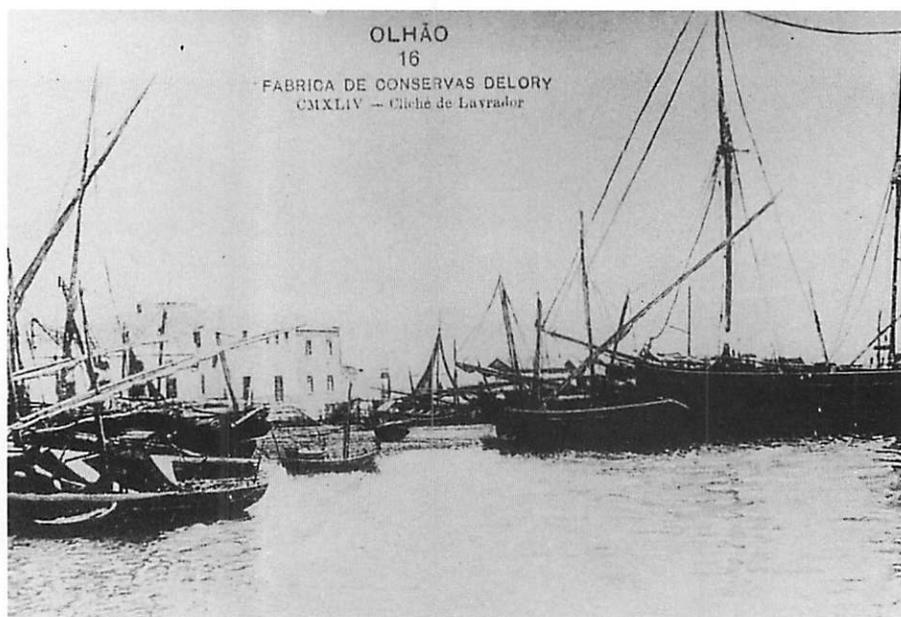
Terminado este dia de trabalho, resolvi ir até ao Largo da Feira, espreitar o treino do Sporting Clube Olhanense. Ai encontrei o Armando Amâncio que me felicitou por ver os meus problemas de instalação resolvidos. Assim começou com este amigo e outros adeptos do futebol, uma sólida amizade, que mais tarde me ia envolver nos destinos deste clube.”<sup>(22)</sup>

---

(22) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”  
In Sport. Clube Olh. 1979 N° 297



ASPECTO DO TRABALHO, NUMA ANTIGA FÁBRICA DE  
CONSERVAS DE OLHÃO. SECÇÃO DE ENGRELHADOS  
ANOS DE 1920-1930



AO FUNDO, DEBAIXO DO ALPENDRE, O PRIMITIVO MERCADO DO PEIXE. ANOS DE 1918-1920